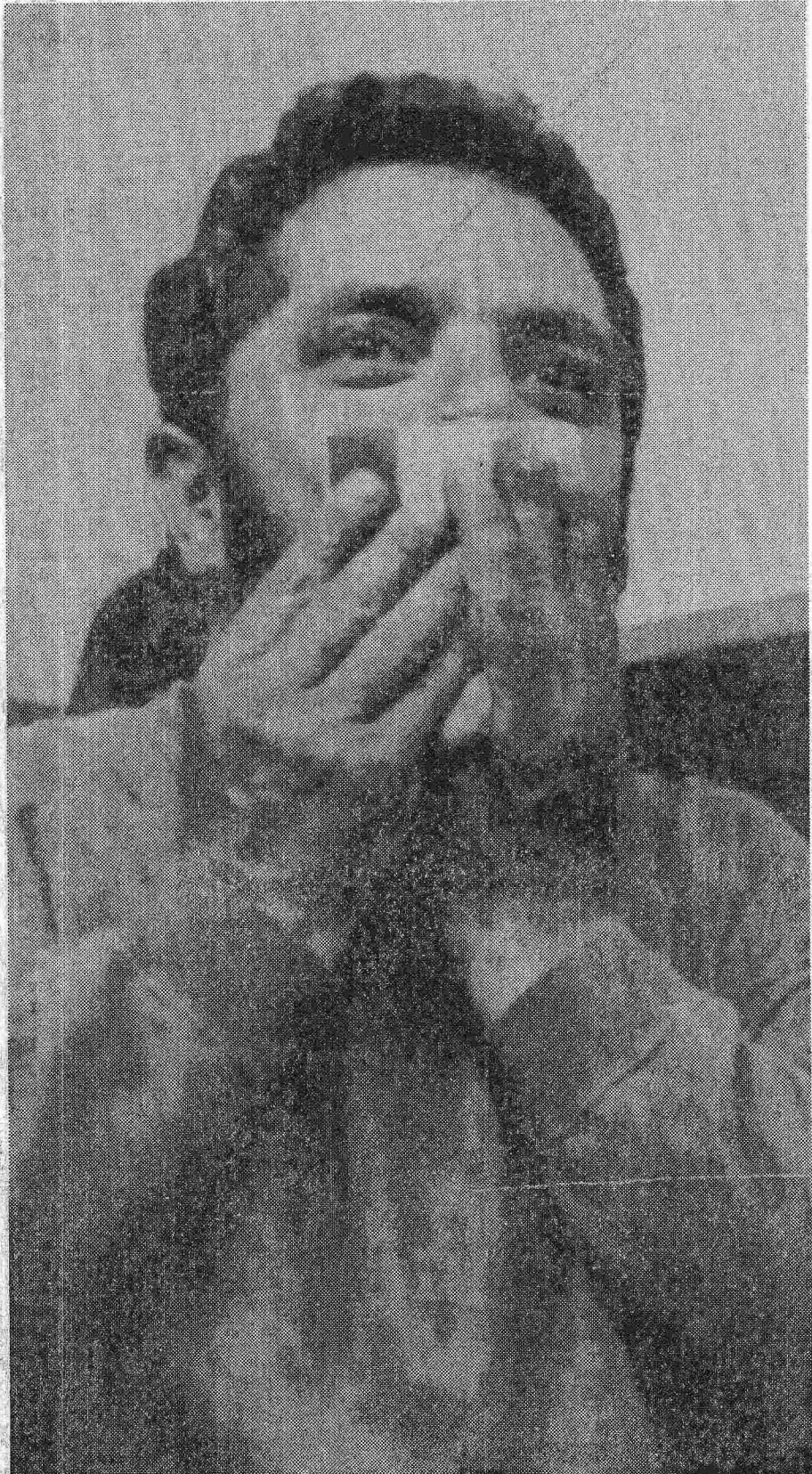


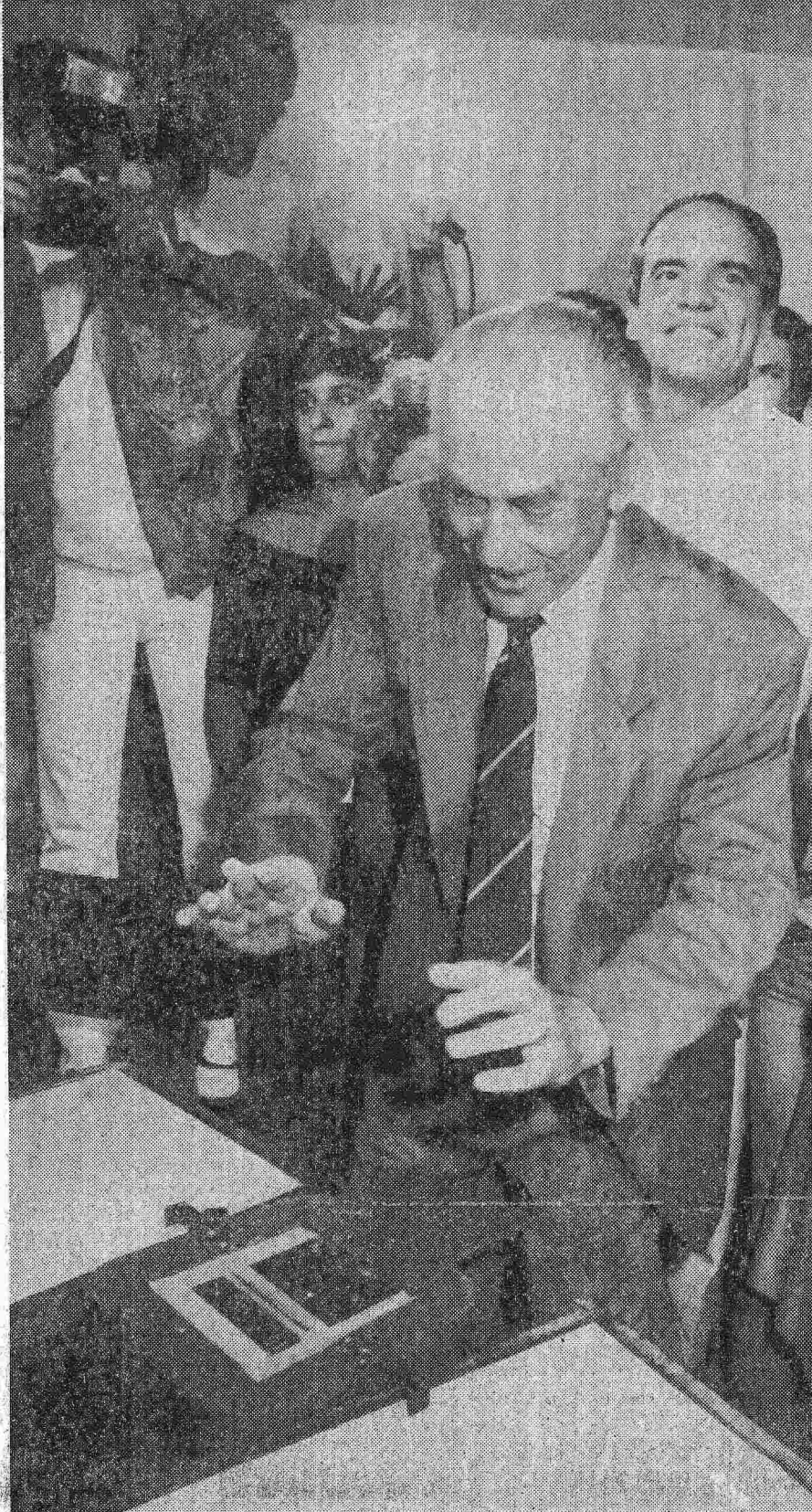
Voto obriga política a mudança geral

São Bernardo do Campo — Alexandre Tokitaka



Lula beijou o voto antes de depositá-lo na urna e afirmou sempre que passa para a final. (Pág. 14)

Luiz Morier



Brizola votou em Copacabana, em meio a uma euforia do PDT que depois cederia à preocupação. (Pág. 12)

Tempo

No Rio e em Niterói, claro, ocasionalmente nublado. Visibilidade boa. Temperatura em ligeiro declínio. Máxima e mínima de ontem: 28,3° em Bangu e 19,8° em Santa Teresa e Jacarepaguá. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, Cidade, página 2.

'Buraco negro'

O período que separa o resultado eleitoral do dia 15 de março de 1990 é visto por economistas e empresários como muito delicado para a economia. No intervalo entre a mudança e sua efetivação abre-se, segundo alguns, um "buraco negro" onde a hiperinflação volta a ser um fantasma. (Páginas 23 e 24)

Fraude cambial

O diretor do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, disse que já foi identificado, nos Estados Unidos, um dos beneficiários das operações de fraude cambial nas guias de importação que resultaram em prejuízo para o país superior a US\$ 360 milhões.

Guerrilha

A ofensiva da frente guerrilheira esquerdista FMLN contra as Forças Armadas de El Salvador entra hoje no quinto dia consecutivo. A guerrilha anunciou a formação de governos populares nas áreas sob seu controle. (Página 22)

Taxa para aidético

A Universidade da Califórnia, em Los Angeles, Estados Unidos, está cobrando US\$ 260 dos aidéticos interessados em se candidatar ao programa governamental de pesquisas sobre drogas experimentais contra a Aids. (Página 21)

Cotações

Dólar oficial: NCz\$ 6,119 (compra), NCz\$ 6,150 (venda). BTN fiscal: NCz\$ 5,8403. BTN: NCz\$ 5,0434. Unif para IPTU, ISS e Alvará: NCz\$ 81,57; taxa de expediente: NCz\$ 16,31. Uferj: NCz\$ 72,60. UPC: NCz\$ 39,89. MVR: NCz\$ 90,07. Piso Nacional de Salário: NCz\$ 557,33. Salário Mínimo de Referência: NCz\$ 201,73 (40 BTNs). Tablita única para conversão: Cz\$/NCz\$ 2.128,6935.

Frederico Rozário



Em Ipanema, as várias comemorações antecipadas fizeram lembrar dias de carnaval

Com a força de uma revolução e a alegria de uma festa, o voto popular despejou nesta eleição presidencial a mais devastadora onda de mudança que já varreu a política brasileira, trazendo na crista o candidato Fernando Collor de Mello, como renovador do conservadorismo, e embrulhados na arrebentação o petista Luís Inácio da Silva e o pedetista Leonel Brizola, o favorito ameaçado.

Na boca da urna, os institutos de pesquisa eram incapazes de garantir se o adversário de Collor no segundo turno seria Brizola, sem rivais em sua faixa até o meio da campanha, ou Lula, que avançou no final, levado pela mesma vaga que ergueu a candidatura Mário Covas, do PSDB, ao provável quarto lugar.

Covas e Lula, dois concorrentes rotulados como de esquerda, mas identificados sobretudo pela nitidez de suas posições contra o figurino político do PMDB e do PFL, revolveram nessa arrancada o fundo de todas as escolhas majoritárias do eleitorado. Votou-se para enterrar uma era. A tal ponto que o ex-ministro Aureliano Chaves acabou emparelhado com Enéas, o exótico candidato do Prona, que resumia sua plataforma na promessa de não pedir votos nunca mais.

O impulso da opinião pública para varrer do mapa quem encarna a situação, misturando Collor, Brizola, Lula e Covas nos primeiros lugares, gravou sua coerência até em votos contraditórios. O PDT passou a primeira noite de apuração em cócegas com a ameaça de Lula entre outros motivos porque o petista estava na frente em Pernambuco, terra onde Brizola foi buscar o vice Fernando Lyra, ex-ministro da Justiça do governo José Sarney. O passado não deu voto nesta eleição.

Lula também saiu rateando das primeiras urnas abertas na capital de São Paulo, onde a vitória do PT, com Luiza Erundina, foi o grande êxito da legenda há um ano e base de seu lançamento à Presidência. Tende ali a ficar abaixo de Paulo Maluf, derrotado por Erundina em 1988, ex-recordista de impopularidade. Covas ganha disparado no município de São Paulo.

Lula perde para Collor em Garanhuns, a cidade pernambucana onde nasceu. E, na vizinha Caruaru, terra do vice Fernando Lyra, Brizola está apinhando feio do PRN. Uma das mais acachapantes votações de Collor acontece em Curitiba, do prefeito Jaime Lerner, um brizolista bissexto que deu ao PDT no ano passado uma de suas três capitais.

A primeira fase da eleição definiu o segundo turno. Collor e seu adversário na próxima rodada, seja Brizola ou Lula, estarão quase inevitavelmente confinados na menor parte do eleitorado. Maioria absoluta, por enquanto, é a soma dos votos de quem perdeu, ocupada por alguns políticos alçados à condição de importantes negociadores. Lula e Brizola acham que automaticamente terão o apoio um do outro, por afinidades ideológicas.

Mais falante, Lula nem esperou a confirmação do segundo lugar previsto nas últimas pesquisas para anunciar: "Acredito que teremos o apoio dos progressistas, entre eles aqueles abrigados no PDT, embora Brizola tenha esse problema de auto-afirmação e um discurso raivoso". Nesses acordos, inclui desde foragidos do PMDB, como o governador Miguel Arraes, até o senador Mário Covas, que sai das urnas como um grande eleitor. O eleitorado, porém, tem rejeitado coligações que cheirem a manobras para manter no poder lideranças carcomidas. Essa é a grande lição das urnas, reconhecida com elegância por sua maior vítima, o deputado Ulysses Guimarães. "O grande vencedor foi o povo e eu, que lutei tanto por isso, me sinto recompensado", disse ele, na despedida de seu longo reinado como símbolo do político brasileiro. (Páginas 2 a 20)